

A REANÁLISE DE CLÍTICOS REDOBROS COMO PREFIXOS DE CONCORDÂNCIA EM FALARES MINEIROS

Ricardo Machado ROCHA

Universidade Federal de Minas Gerais
rmachadorocha@yahoo.com.br

Resumo: Neste estudo, analisamos a ocorrência das formas pronominais *me* e *te* em estruturas de redobro. Argumentamos que, em alguns falares mineiros, essas formas estão sendo reanalisadas como prefixos de concordância para os traços de pessoa [+falante] e [+destinatário]. O trabalho se desenvolve dentro da abordagem minimalista (CHOMSKY, 1995, 1998, 2005). Lançamos mão também de alguns conceitos de gramaticalização como propostos em Roberts & Rousseau (2003).

Palavras-Chave: Pronomes Pessoais; Redobro Pronominal; Reanálise; Concordância; Definitude.

1. Introdução

Comparem-se os seguintes exemplos:

- (1)
- a. *eles carregaro eu*
 - b. *ele me levou*

(RAMOS, Jânia Martins. *Corpus Fala de Piranga*. Projeto Mineirês – A construção de um dialeto. (Versão eletrônica) Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/mineires/>. Acesso em: 30/10/2011.)

Incontáveis trabalhos têm investigado um fenômeno patente do português brasileiro (doravante PB) quanto à realização pronominal: o uso das antigas formas nominativas em praticamente todos os contextos sintáticos (MACHADO ROCHA, 2010; RAMOS, 2009; CARVALHO, 2008; GONÇALVES, 2003, KATO, 1999; entre vários outros). Em Machado Rocha (2010), defendemos que o PB parece estar caminhando na direção de preferir pronomes default¹, como em (1a), uma vez que eles podem ocorrer em todos os contextos sintáticos, ao contrário dos pronomes oblíquos, como em (1b), que requerem movimento para posição de próclise.

No entanto a ocorrência de redobros levanta um problema. Veja-se o exemplo (1c) a seguir:

¹ Um pronome DP default seria não especificado quanto à categoria gramatical Caso (eu, você(s), ele(a)(s), nós, a gente, o(a)(s) senhor(a)(s)), em oposição a um pronome KP oblíquo, que representa um forma mais especificada para a categoria gramatical Caso (me, mim, comigo, te, nos). Os primeiros teriam ocorrência irrestrita em todos os contextos sintáticos; os últimos ocorreriam em contextos específicos. Para detalhes sobre a proposta de que a categoria gramatical Caso projetaria um núcleo funcional específico, com implicações para a forma pronominal, ver Machado Rocha (2010).

- (1)
c. *eles me carregaro eu.*

(RAMOS, Jânia Martins. *op. cit.*)

O uso das estruturas pronominais redobradas com as formas *me* e *te* são muito comuns em vários falares de Minas Gerais. Vejam-se alguns exemplos:

- (2)
- a. Eu vou **te** jogá **ocê** no fogo
 - b. a prima dela não **me** queria **eu** mais
 - c. tinha cinco médico lá **me** olhano **eu** assim
 - d. tem vez que es não gosta muito de **me** deixá **eu** ficar lá
 - e. **cê** pode entrá que eu **te** ajudo **ocê** no que eu pudé
 - f. se uma hora acha um que **te** acerta **ocê**
 - g. aí começô a **me** xingá **eu** lá dentro
 - h. aí ele **me** começo a **me** xingá **eu** de maria-vai-com-as-outras
 - i. aí mais tarde ele **me** liberô **ieu** pa trabiá no mei do pessoal

(RAMOS, Jânia Martins. *op. cit.*)

As questões que esses dados nos colocam podem ser formuladas de seguinte maneira:

- (i) Por que ocorrem redobros, se o pronome default é capaz de realizar o objeto completamente? Em outras palavras, por que se realizam estruturas como (a) “*Eu vou te jogá você no fogo*”, se uma estrutura como (a’) “*Eu vou jogá você no fogo*” é perfeitamente gramatical para os falantes de (a)?
- (ii) Por que ocorrem redobros para a 1ª e a 2ª pessoas pronominais, mas não para a terceira?

- (3)
- a. eles **me** carregaro **eu**
 - b. Eu **te** amo **você**. (Diniz, 2007)
 - c. *Eu **o** vi **ele**.

Procuramos responder a essas questões nas seções a seguir. O texto se organiza da seguinte forma: na seção 2, tratamos das relações entre as estruturas de redobro e a interpretação das formas pronominais; em 3, discutimos o processo de reanálise dos pronomes clíticos como prefixos de concordância, apresentando testes e evidências. A seção 4 traz as conclusões do trabalho.

2. O redobro pronominal e a interpretação dos pronomes

A entrada dos pronomes tardios *você*, *a gente* e *o senhor* na série dos pronomes pessoais parecem indicar a tendência do paradigma de pronomes do PB de se regularizar para conter apenas formas default para Caso. Essa regularização estaria levando pronomes clíticos a perderem espaço no paradigma. Vários pronomes clíticos deixaram de ser usados a partir da segunda metade do século passado, como tem demonstrado extensivamente a literatura.

Por outro lado, como apontam alguns trabalhos recentes (DINIZ, 2007; MACHADO ROCHA, 2010), os clíticos *me* e *te* se mantêm firmes no léxico, em estruturas simples e em estruturas de redobro. Argumentamos que esses redobros são realizados por necessidades interpretativas / computacionais de um sistema pronominal em estado de rearranjo. Parece ser

empiricamente sustentável que o uso dos redobros no PB atual começa a preencher lacunas no sistema integrado do paradigma pronominal e das desinências de concordância. Como atesta a literatura, uma nova marca morfológica de concordância surge historicamente apenas em contextos do paradigma em que a marca pré-existente já não é distintiva (Fuss, 2005, retomando Givon, 1976; Siewierska 1999 e outros).

Carvalho (2008) argumenta que vários pronomes pessoais do PB podem apresentar ora leitura definida, ora leitura arbitrária. Vejam-se os exemplos:

- (4) a. Eu começo a fumar um cigarro hoje, amanhã eu experimento x.
(Contexto: um agente de controle de drogas entorpecentes sendo entrevistado por um apresentador de TV.)
(CARVALHO, 2008, p. 83)

Como assinala Carvalho, o pronome *eu* nesse exemplo tem leitura arbitrária e pode ser substituído por outra forma de leitura arbitrária / indefinida.

- (4) b. Você/ a gente / alguém começa a fumar um cigarro hoje, amanhã você/ a gente/ alguém experimenta x.
(CARVALHO, 2008, p. 83)

Em posição de objeto, pronomes default permitem igualmente a leitura arbitrária. Construções de redobro, por outro lado, parecem menos compatíveis com a leitura arbitrária, como mostra (5b).

- (5) a. E quando você tenta sair dessa vida, ninguém ajuda você não.
b. E quando você tenta sair dessa vida, ninguém te ajuda você não.
(MACHADO ROCHA, 2010, p. 104)

Dados de fala dos corpora do Projeto Mineirês parecem confirmar essa hipótese, como se vê nos exemplos (6a-c):

- (6) a. Cada dia que cê trabalha, cê conhece eles melhor... (*Respondendo à pergunta do entrevistador: "Os meninos no seu serviço são encapetados?"*)
b. Cê num pode abaxá pra ês... P'que se não ês ... Sentam mesmo...
c. Tudo lá é muito caro, tudo lá é mais... Sabe?... Com muito luxo... Agora uma coisa eu vou te falá com 'cê... Ês gosta muito de luxo assim...

(RAMOS, Jânia Martins. *Corpus Fala de Belo Horizonte*. Projeto Mineirês – A construção de um dialeto. (Versão eletrônica) Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/mineires/>. Acesso em: 30/10/2011.)

Perceba-se que em (6a-b), o pronome *cê* não faz referência ao interlocutor, mas possui uma referência arbitrária, indefinida, significando *alguém, qualquer pessoa*. Contrariamente, em (6c), em que ocorre o redobro pronominal, o informante se dirige especificamente ao entrevistador.

A arbitrariedade na interpretação dos pronomes do português atual parece estar associada principalmente a divergências entre traços formais de número e pessoa,

responsáveis pela concordância sintática dos pronomes, e a interpretação semântica de número e pessoa do pronome (D'Alessandro, 2006; Cruschina, 2009). Essa divergência entre sintaxe e semântica nos pronomes tem levado alguns pesquisadores a propor um conjunto de traços independentes dos traços-phi (traços-sigma, nos termos de D'Alessandro (2006)), associados ao discurso e responsáveis pela interpretação da referência do pronome. Para Carvalho (2008), a leitura arbitrária de um pronome é resultado da subespecificação de traços da categoria pessoa, nos termos de Béjar (2003).

Independentemente da opção teórica que se adote, podemos assumir como dado empírico que alguns pronomes permitem leitura arbitrária, enquanto outros a proíbem. Notadamente, os pronomes de 1ª e 2ª pessoa permitem leitura arbitrária, enquanto os de 3ª a proíbem.

(7)

- a. Hoje **eu/você/a gente**/ fumo(a) um cigarro, amanhã **eu/você/a gente** experimento(a) x. (leitura arbitrária)
- b. Hoje **ele** fuma um cigarro, amanhã **ele** experimenta x. (*leitura arbitrária)

(MACHADO ROCHA, 2010, p. 105)

Duas distinções na constituição e na sintaxe dos pronomes de 1ª e 2ª pessoas, de um lado, e de 3ª pessoa, de outro, podem ser apontadas:

(i) Os pronomes de 1ª e 2ª pessoas possuem os traços [falante] / [destinatário], enquanto os pronomes de terceira são não especificados para estes traços (Kerstens, 1993; Koeneman, 2000; Harley & Ritter, 2002, e outros):

(8)

1ª pessoa	b. 2ª pessoa	c. 3ª pessoa
<+falante>	<-falante>	<-falante>
<-destinatário>	<+destinatário>	<-destinatário>

(Apud MACHADO ROCHA, 2010, p. 105)

(ii) Pronomes de 3ª pessoa precisam necessariamente ter um antecedente no discurso ou um referente dêitico, enquanto os pronomes de 1ª e 2ª não requerem um antecedente e podem ter a leitura dêitica anulada, quando sua referência é arbitrária:

(9)

- a. E você acha que empresa de telefone está preocupada em ajudar *eu / você / nós / a gente*?
- b. E você acha que empresa de telefone está preocupada em ajudar *ele*? (o João / Quem?)

(MACHADO ROCHA, 2010, p. 105)

Perceba-se que os pronomes em (9a) permitem leitura arbitrária, enquanto o pronome *ele*, em (9b), proíbe tal leitura. Ora, se a série de 3ª pessoa é não especificada para os traços [falante] / [destinatário], sua realização preenchida ocorre justamente para atender a necessidades discursivas ou dêiticas, uma vez que o pronome nulo de 3ª pessoa (*pro*, segundo Kato (1993)) também permite leitura arbitrária:

(9)

b'. E você acha que empresa de telefone está preocupada em ajudar *pro*?

(MACHADO ROCHA, 2010, p. 105)

Retomemos, agora, os exemplos iniciais (1a-c), repetidos aqui como (10a-c):

(10)

- a. *eles carregaro eu*
- b. *ele me levou*
- c. *eles me carregaro eu*

Se assumimos como correto que os pronomes de 1ª e 2ª pessoas permitem leitura arbitrária, enquanto os pronomes de 3ª pessoa a proíbem, temos uma explicação para a ocorrência de redobros com as formas *me* e *te* e a não ocorrência de redobros para a 3ª pessoa:

A tendência do PB atual é para a realização do objeto com o pronome default, a exemplo de (10a)², como argumentamos no início deste trabalho.

Em contextos discursivos dialógicos, o uso das formas *me* e *te* inibe a referência arbitrária da 1ª e da 2ª pessoas.

(11)

- a. Empresa de telefone não está preocupa em ajudar você não.
- b. Empresa de telefone não está preocupa em te ajudar você não.

Não ocorrem redobros de 3ª pessoa, porque a realização das formas lexicais de 3ª não têm a ver com traços [falante] / [destinatário], mas com a referência dêitica ou com correferência discursiva.

(11)

- c. Empresa de telefone não está preocupa em ajudar ele. (Ele necessariamente associado a um antecedente ou a um referente dêitico.)

Para a indefinição/arbitrariedade na série de 3ª pessoa, usa-se o *pro*.

(11)

- d. Empresa de telefone não está preocupa em ajudar *pro*.

Podemos assim afirmar que, para falantes que realizam redobros, os clíticos *me* e *te* “são sempre redobros”, ora de pronomes lexicais, ora de *pro*.

(12)

- a. **Me** ajuda **eu**. / **Me** ajuda *pro*.

A ocorrência de apenas a forma lexical do pronome (*ajuda eu*) acontece em contextos discursivos em que outros elementos do discurso bloqueiam a leitura arbitrária e, assim, o redobro é dispensável.

² A construção (10a) sofre, evidentemente, alguns estímulos em falares que não os dialetos sob nosso enfoque. Para estender a análise ao PB como um todo, podemos comparar estruturas como “eles carregaram **você** / eles **te** carregaram”, em que a forma default *você* é amplamente aceita.

(12)

- b. Ajuda **eu** *aqui*.
- c. É pra você ajudar **eu** *mesmo*.

Nossa hipótese para a ocorrência do redobro, então, é que lacunas nos traços de definitude³ dos pronomes default *eu* e *você*, em posição de objeto, estão sendo compensadas pelas formas *me* e *te*, que passam a compor, no paradigma integrado de pronomes e marcas de concordância, a função de *concordância de objeto para os traços [falante] / [destinatário]*. Evidentemente, esse fenômeno precisa ser enxergado como uma variação dialetal, nos termos de Kroch (1989), e Kroch & Taylor (1994, 1997). Assumimos assim que alguns falares do PB possuem a gramática dos redobros (G2), enquanto outros possuem a gramática dos clíticos (G1). Além disso, assumimos que, na gramática dos falantes de redobro, as formas *me* e *te* são sempre redobros, ora concordando com o pronome lexical, ora concordando com *pro*.

Na próxima seção, vamos levantar argumentos para a hipótese de que os clíticos *me* e *te* estão sendo reanalisados como marcas de concordância. Dessa maneira, na gramática do redobro (G2) não haveria pronomes casualmente especificados/clíticos, mas apenas pronomes default e as formas resistentes *prep+mim* e *comigo*. Os clíticos, em G2, teriam sido reanalisados como *prefixos de concordância*.

3. A reanálise dos clíticos redobros como prefixos de concordância

Distinguir clíticos de marcas de concordância tem se revelado uma tarefa difícil. As construções de redobro variam estruturalmente de uma língua para outra (ROBERGE, 1990, *apud* COURNANE, 2008) e um teste que se aplica a uma dada língua pode não ser adequado a outra. Além disso, o processo de gramaticalização que leva um pronome a se tornar uma marca de concordância é composto de várias etapas não necessariamente coincidentes para todas as línguas (COURNANE, 2008). Para Lopes (2007), na perspectiva da aquisição da linguagem, clíticos e elementos de concordância oferecem problemas semelhantes para a criança, o que leva esta autora a rotular ambos como elementos de concordância, em certo sentido.

Uma perspectiva mais recente e mais abrangente sobre a reanálise de pronomes como marcas de concordância pode ser encontrada em Fuß (2005), desenvolvida dentro de pressupostos minimalistas e do quadro da Morfologia Distribuída (HALLE & MARANTZ 1993, 1994). Embora tenhamos explorado exaustivamente a fonte original (FUß, 2005), por conveniência vamos nos valer principalmente das revisões deste trabalho e de outros, apresentadas em Cournane (2008).

Fuß (2005) adota várias ideias sobre gramaticalização propostas em Roberts & Rousseau (2003). Um de seus argumentos centrais, contrariando a visão tradicional de Givón (1976), é que a reanálise de pronomes como marcas de concordância não é restrita a um único contexto sintático. Para haver esse tipo de reanálise, o autor argumenta que é preciso basicamente uma “confusão” na interpretação de uma dada estrutura, geralmente motivada por lacunas de paradigma.

Fuß (2005) aponta uma série de condições, estabelecidas a partir de sua extensa pesquisa interlinguística, para que um clítico seja reanalisado como marca de concordância. A primeira delas é a necessidade de adjacência ao verbo:

³ Para o detalhamento dos traços envolvidos nas interpretações definidas vs. arbitrárias dos pronomes *eu* e *você*, ver Ramos & Machado Rocha (em andamento).

(13) Restrição de Adjacência (FUB, 2005, p. 140, *apud* COURNANE, 2008, p. 20)
Um pronome clítico pode ser reanalisado como um afixo de concordância do verbo, apenas se o clítico é diretamente adjacente ao verbo.

Como aponta Cournane, a restrição sobre adjacência para a reanálise faz sentido intuitivamente: se a concordância é entendida como local na sintaxe, espera-se que marcas de concordância sejam sempre adjacentes a seus hospedeiros. Dessa forma, quando um pronome clítico aparece sempre numa posição fixa de adjacência ao verbo, essa situação facilita a reanálise do pronome como marca de concordância.

Como visto na seção anterior, é exatamente nesta situação que encontramos as ocorrências das formas *me* e *te* nos corpora analisados. Como se sabe, a próclise é uma tendência decisiva no PB.

Outra condição sobre esse tipo específico de reanálise é a Identificação de Traços⁴:

(14) Identificação de traços (FUB, 2005, p. 141, *apud* COURNANE, 2008, p. 21)
A reanálise de um pronome clítico é possível apenas se a marca de concordância resultante é licenciada

(i) na sintaxe, por uma relação Agree local com um conjunto de traços-phi interpretáveis, ou

(ii) na MS⁵, como um morfema dissociado sob adjacência estrutural com um morfema de concordância licenciado.

Morfemas de concordância precisam ser licenciados na sintaxe. Assim um antigo clítico apenas pode ser reanalisado como marca de concordância, se a marca de concordância resultante puder ser licenciada em uma das duas formas propostas (14i-ii). Como aponta Cournane (2008), essas suposições são relativamente fortes em termos de aquisição. A criança em fase de aquisição somente irá confundir um clítico com uma marca de concordância, se esse elemento parecer licenciado, exigência natural da UG.

O *match* dos traços de pessoa [falante] / [destinatário] é relevante para a concordância que estamos propondo. Nos prefixos *me* e *te*, esses traços seriam interpretáveis, especificadas como [+]. Por outro lado, as formas default *eu* e *você* podem ocorrer subespecificadas para esses traços (cf. Carvalho, 2008). Entendemos aqui que, em estruturas com os pronomes default, é possível a leitura arbitrária para esses traços, exatamente por se tratar de formas subespecificadas. Numa estrutura de redobro, em que os traços [falante] / [destinatário] aparecem tanto no pronome default como nos prefixos *me* e *te*, a leitura arbitrária é desfavorecida. Nessa perspectiva, os prefixos reforçam a leitura definida dos pronomes e bloqueiam a leitura arbitrária. Seria, então, estabelecida uma relação *Agree* local com os traços interpretáveis [falante] e [destinatário], satisfazendo assim a exigência (14i).

Outra exigência para a reanálise é a preservação da estrutura argumental.

(15) Preservação da estrutura argumental (FUB, 2005, p. 141, *apud* COURNANE, 2008, p. 21)

A reanálise de um pronome como uma marca de concordância precisa preservar a estrutura argumental do predicado.

Essa condição prediz que, para que a criança, em fase de aquisição, reanálise um pronome clítico como marca de concordância, o papel temático atribuído ao pronome clítico

⁴ “Identification of Feature Content”.

⁵ Dentro do quadro da Morfologia Distribuída, *Morphological Structure* (MS).

precisa ser reanalisado como sendo atribuído a outro elemento – a um redobro ou a um *pro*, por exemplo.

Como demonstramos na seção anterior, os dados que analisamos exibem exatamente este tipo de contexto. Na gramática do falante de redobros (G2), como vimos nos dados apresentados, o papel temático é atribuído ao pronome default ou a um *pro* e, assim, a estrutura argumental se preserva.

(16)

- a. **Me** ajuda. (Me = tema) (G1)
- b. Me ajuda **eu**. (eu = tema) (G2)

É preciso ter sempre em mente que, em nossa análise, pressupomos duas gramáticas em variação. Essa variação pode ser estabelecida de duas maneiras, conforme se adote uma perspectiva sincrônica ou uma perspectiva diacrônica.

Num enquadramento sincrônico, temos falantes de G1, que possuem em seu léxico pronomes clíticos especificados para Caso, como propusemos anteriormente. Nesta gramática, construções de redobro não são legítimas e são interpretadas como um desvio. Assim, falantes de G1 optariam por construções como “*eu te ajudo*” ou “*eu ajudo você*”, mas não produziam sentenças como “*eu te ajudo você*”. Para a G1, clíticos e pronomes default estariam em *distribuição complementar*, como detalharemos a seguir. Falantes de G2, por outro lado, não possuiriam esses pronomes clíticos no léxico, que figurariam reanalisados como marcas de concordância para os traços de pessoa [falante] / [destinatário]. As estruturas preferidas nessa gramática são as que tradicionalmente chamamos de redobro (*eu te ajudo você*). Uma sentença como “*eu te ajudo*” é interpretada por falantes da G2 como possuindo a realização de um *pro* na posição de objeto (*eu te ajudo pro*). Portanto, a sequência “*eu te ajudo*” seria produtiva nas duas gramáticas, sendo analisada como uma cadeia apenas em G1.

Sob um enfoque diacrônico, G1 e G2 podem ser entendidas com etapas do processo de gramaticalização dos prefixos de concordância.

3.1 Alguns testes relevantes (Cournane, 2008)

Como pontuamos, testes para o estatuto de clíticos e marcas de concordância precisam ser considerados caso a caso, por dois motivos principais:

1º - O processo de gramaticalização envolve etapas sucessivas e não obrigatórias, como proposto por Roberts & Roussou (2003):

(17)

Pronome independente → Pronome fraco → Pronome clítico → Afixo de concordância → Desinência de concordância

2º - A estrutura de redobros não é idêntica em todas as línguas.

Alguns critérios mais rígidos não podem ser ignorados, como a restrição sobre a adjacência ao verbo, a fixação da posição de ocorrência e a equivalência de traços que estabelecerão a relação de concordância. Os clíticos redobrados nos dados do dialeto analisado atendem a essas três exigências, conforme vimos na seção anterior. Vamos considerar assim mais alguns testes secundários, a partir de Cournane (2008) e outros trabalhos com os quais ela dialoga, que servem como evidência para as etapas da gramaticalização dos prefixos *me* e *te*.

3.1.1 Distribuição complementar

Cournane (2008) adverte que a distribuição complementar entre clíticos e DPs lexicais pode ser um teste com falhas para a verificação do estatuto de um elemento como marca de concordância. Por outro lado, ainda que não possa ser tomado como uma confirmação do estatuto de marca de concordância de um dado elemento, a distribuição complementar aponta, ao menos, para um contexto favorecedor do processo de reanálise.

Perceba-se que, para falantes da G1 proposta em nossa abordagem, clíticos e pronomes default se encontram em distribuição complementar:

(18)

Falantes de G1

- a. Eu **te** ajudo.
- b. Eu ajudo **você**.
- c. *Eu **te** ajudo **você**.

Falantes de G2, por outro lado, não possuem esses mesmo elementos em distribuição complementar, para o quais o exemplo (c) acima é perfeitamente gramatical.

(19)

Falantes de G2

- c'. Eu **te** ajudo **você**.

A coocorrência da forma *te* com o pronome *você* indica que o antigo clítico não possui mais o estatuto de argumento e que, por isso, é interpretado de outra maneira. Em nossa hipótese, a interpretação que *te* recebe em G2 é de prefixo de concordância para o traço [+destinatário], como expusemos anteriormente. A mesma análise se aplica à forma *me*, que funciona como prefixo de concordância para o traço [+falante].

3.1.2 Visibilidade sintática

Operações sintáticas se aplicam a clíticos, mas não a marcas de concordância. Marcas de concordância não podem se mover independentes de seus hospedeiros. Num certo sentido, este é também um diagnóstico sobre a distribuição, uma vez que clíticos podem aparecer em diferentes posições em relação ao verbo, enquanto a marca de concordância ocupa uma posição fixa.

Porque o PB tem a próclise como regra principal tanto em G1 quanto em G2, a verificação do caráter das formas *me* e *te* pela comparação entre G1 e G2 se torna ineficaz. Mas, se comparamos a G2 como o português europeu (doravante PE), em que, indubitavelmente, essas formas são clíticos com estatuto argumental, podemos tomar a visibilidade sintática como uma evidência de que, em G2, *me* e *te* são prefixos de concordância. Vejam-se os exemplos a seguir, extraídos de Magalhães (2006). Os exemplos na fonte consultada são com o clítico *lhe*, contextos em que também é possível a ocorrência dos clíticos *me* e *te*. Para tornar a comparação clara, vamos substituir o clítico *lhe* pelo clítico *te*.

(20)

PE:

- a. Os alunos ofereceram-**te** todos flores.
- b. Os alunos ofereceram-**te** também flores.
- c. Todos os alunos **te** ofereceram flores.

- d. Os alunos também **te** ofereceram flores.
e. O que **te** ofereceram os alunos?

(Exemplos de Brito, Duarte & Matos (2003, p. 853). *Apud* MAGALHÃES, 2006, pp. 14-15.)

Como se pode observar nos exemplos (20a-e), o PE, embora seja essencialmente enclítico, permite a próclise, sem qualquer sintoma de desvio, em alguns contextos.

Contrariamente, na G2 do PB, a ênclise das formas *me* e *te* são agramaticais ou degradadas.

(21) **PB/G2:**

- a. ?/*Os alunos ofereceram-**te** todos flores.
b. ?/*Os alunos ofereceram-**te** também flores.
c. Todos os alunos **te** ofereceram **pro** flores.
c'. Todos os alunos **te** ofereceram **você** flores
d. Os alunos também **te** ofereceram **pro** flores.
d'. Os alunos também **te** ofereceram **você** flores.
e. ?O que **te** ofereceram **pro** os alunos?
e'. O que que os alunos **te** ofereceram **você**?

(MACHADO ROCHA, 2010, p. 113)

Os exemplos acima permitem afirmar que, ao contrário do PE, na G2 as formas *me* e *te* não podem ocorrer em outra posição se não a de adjacência pré-verbal. Como vimos, a posição fixa é uma característica das marcas de concordância, o que nos leva assumir que *me* e *te*, na G2, são prefixos verbais.

3.1.3 Completude de paradigmas

Cournane (2008) retoma um diagnóstico proposto por Zwicky & Pullum (1983), que faz a seguinte distinção: clíticos aparecem em paradigmas completos, enquanto que marcas de concordância apresentam lacunas e sincretismos no paradigma. Os exemplos oferecidos são clíticos sujeitos do francês em paralelo com as marcas de concordância do verbo.

Tabela 1 – Paradigma de clíticos sujeitos e paradigma de concordância em francês padrão

Subject Clitic Paradigm and Agreement Paradigm in SF

	Subject Clitic Paradigm	Être Present Tense Agreement Paradigm
1 st , SG	[ʒə]	[swi]
2 nd , SG	[ty]	[e]
3 rd , SG, M	[il]	[e]
3 rd , SG, F	[ɛl]	[e]
3 rd , SG, Indef	[ɔ̃]	[e]
1 st , PL	[nu]	[sɔm]
2 nd , PL (or SG polite)	[vu]	[ɛt]
3 rd , PL, M	[il(z)]	[sɔ̃]
3 rd , PL, F	[ɛl(z)]	[sɔ̃]

(COURNANE, 2008, p. 32)

A tabela 1 ilustra que, no francês padrão, enquanto os clíticos sujeito possuem formas distintas para cada pessoa, com formas específicas para gênero e número, as marcas de concordância exibem vários casos de sincretismos ou lacunas.

Esta mesma situação pode ser verificada na comparação entre os clíticos do PE e as formas reanalisadas do PB/G2.

Tabela 2 – Clíticos do PE vs. prefixos do PB/G2

	Clíticos do PE	Prefixos do PB/G2
1 ^a sing	me	me
2 ^a sing	te	te
3 ^a sing	o/a/se/lhe	--
1 ^a pl	nos	--
1 ^a pl	vos	--
1 ^a pl	os/as/lhes	--

(MACHADO ROCHA, 2010, p. 114)

Como se pode observar, o paradigma de pronomes clíticos do PE exibe formas específicas para cada pessoa, com especificações para gênero/caso nas séries de 3^a pessoa. Os prefixos do PB/G2 possuem formas apenas para a 1^a e a 2^a pessoas do singular, mais uma evidência em favor de que essas formas são prefixos de concordância.

3.1.4 Concordância parcial

A concordância parcial é uma propriedade de sistemas de concordância, mas não de paradigmas de clíticos (Haiman & Benincà, 1992; Fuß, 2005, p. 133. *Apud* COURNANE, 2008, p. 32). Em outras palavras, em construções com clítico redobrando um DP, é esperado que haja uma identidade completa de traços-phi e de Caso entre o clítico e o DP redobrado. Em relações de concordância, por outro lado, pode haver identificação apenas parcial entre a marca de concordância e o DP.

Os exemplos de redobro com clíticos típicos, oferecidos por Cournane, são do espanhol.

(22) Exemplos do espanhol, com identidade completa de traços-phi e de Caso entre o DP redobrado e o clítico de redobro:

- a. La oían a la gata. (Suñer 1988, pp. 395-6)
 a ouviram a a gata
 “Eles ouviram a gata.”
- b. Lo vi a el. (Uriagereka 1995, p. 80)
 o vi a ele
 “Eu o vi.”

(COURNANE, 2008, p. 33)

No par (22a-b), clítico e DP exibem identidade entre todos os traços-phi e de Caso: número, pessoa, gênero e Caso. Em (a) o clítico é acusativo, 3^a pessoa, singular e feminino, bem como o DP *a gata*. Semelhantemente, em (b) o clítico é acusativo, 3^a pessoa, singular e masculino, os mesmos traços presentes no DP *el*.

Ao contrário dos clíticos, marcas de concordância podem estabelecer relações parciais de identidade de traços. Os exemplos de Cournane são do francês.

(23) Concordância de traços-phi entre sujeito e o verbo *être*:

- a. Je [swi] / Nous [sɔm] / Vous [ɛt]
 eu sou nós somos vocês são
- b. La fille / Le gars / On / Tu [e]
 a menina o rapaz “a gente” você é
- c. Ils / Elles [sɔ̃]
 eles elas são

(COURNANE, 2008, p. 33)

Cournane observa, a partir desses exemplos, que, em (23a), para o traço de pessoa, há completa identidade entre a marca de concordância e o sujeito do verbo *être*. Por outro lado, em (23b,c), há sincretismo no paradigma, e apenas duas formas [e], em (b), e [sɔ̃], em (c), são usadas. Portanto há instâncias de identidade apenas parcial em paradigmas de concordância como o do verbo *être*.

Retomemos agora a tabela 2, que compara clíticos do PE com prefixos do PB/G2:

Tabela 2 – Clíticos do PE X Prefixos do PB/G2

	Clíticos do PE	Prefixos do PB/G2
1 ^a sing	me	me
2 ^a sing	te	te
3 ^a sing	o/a/se/lhe	--
1 ^a pl	nos	--
1 ^a pl	vos	--
1 ^a pl	os/as/lhes	--

Pela simples observação do paradigma de clíticos do PE, podemos assumir que, numa estrutura de DP redobrado por clítico, haverá concordância completa para traços-phi e de Caso, uma vez que há formas específicas para pessoa, número, gênero e Caso. Como o PE não é uma língua com redobro do tipo clítico/pronome nominativo, a comparação possível é com uma estrutura de clítico/DP:

- (24)
- a. O João, os alunos querem-no bem.
- b. A Maria, os alunos estimam-na.

(MACHADO ROCHA, 2010, p. 117)

Os clíticos do PE, como se pode observar, estabelecem uma relação de identidade completa entre os traços-phi e de Caso com o DP redobrado. Em (24a), os traços 3^a pessoa, masculino, singular, acusativo aparecem tanto no DP como no clítico. Em (24b), ocorre o mesmo, com identidade em ambos os elementos para os traços 3^a pessoa, feminino, singular, acusativo.

Ao contrário, os prefixos de concordância do PB/G2, por realizarem apenas os traços de pessoa [falante] / [destinatário], possuem formas apenas para a 1^a e a 2^a pessoas do singular e não fazem distinção para os casos dos pronomes DPs com os quais eles se associam (ACUS/DAT/ABL).

(25)

- a. Eu vou te levá **ocê** lá (ACUS)
- b. deixa eu *te* perguntar **ocê** um negócio (DAT)
- c. Eu num vou *te* falar **com você** que se você vier... (ABL)

(Diniz, 2007, pp. 49-50. *Apud* MACHADO ROCHA, 2010, p. 117)

Como discutimos no início desta seção, apresentamos aqui alguns testes favoráveis que julgamos compatíveis com a estrutura de redobro própria do PB/G2, objeto de nossa análise, e com a etapa em que os prefixos *me* e *te* parecem se encontrar no processo de reanálise. Nossa intuição é que essas marcas se encontrem num momento do processo de gramaticalização que Roberts & Rousseau (2003) vão chamar de *afixo de concordância*, por isso o termo que empregamos: *me* e *te* são *prefixos de concordância* no PB/G2, e não pronomes clíticos. Desprezaremos alguns testes apresentados em Cournane (2008) que são nitidamente aplicados a marcas de concordância que já adquiriram o estatuto de *desinência*.

Como adiantamos, não há um prefixo equivalente para a 3ª pessoa, como esperado, porque a 3ª pessoa é a não marcada para os traços relevantes: [-falante / -destinatário].

4 Conclusões

Neste trabalho, defendemos que, em alguns dialetos de Minas Gerais, as formas pronominais *me* e *te* estão sendo reanalisadas com prefixos de concordância para os traços [+falante] e [+destinatário]. A partir de vários trabalhos, argumentamos que lacunas nos traços de definitude dos pronomes default *eu* e *você* estão sendo compensadas pela inserção das formas *me* e *te* em estruturas de redobro. Mostramos também, a partir de vários testes, diversas evidências para o processo de reanálise das formas *me* e *te* como afixos de concordância. Assumimos a existência de uma gramática inovadora G2 em que não haveria pronomes clíticos, mas apenas pronomes default para Caso e as formas casuais resistentes *prep+mim* e *comigo*. Em nossa perspectiva, a realização ou não dos prefixos de concordância vai depender de fatores discursivos e pragmáticos. Situações em que a leitura arbitrária do pronome é impedida por outros elementos linguísticos ou conversacionais, o prefixo pode não se realizar.

Referências

ANAGNOSTOPOULOU, E. Conditions on Clitic Doubling in Greek. In: RIEMSDIJK, H. (Ed.) *Clitics in the Languages of Europe*. Language Typology, Berlin: Mouton De Gruyter, v.III, 1999. p. 762-798.

BARBIERS, S; OLAF, K; MARIKA, L. *Syntactic doubling and the structure of chains*. In Proceedings of the 26th West Coast Conference on Formal Linguistics, edited by Charles B. Chang and Hannah J. Haynie, pp. 77–86. Cascadilla, Somerville, MA. 2008.

BAYER, J; BADER, M; MENG, M. *Morphological underspecification meets oblique case: Syntactic and processing effects in German*. *Lingua* 111, pp 465-514. 2001.

BITTNER, M; HALE, K. *The structural determination of Case and agreement*. *Linguistic Inquiry* 27:1-68. 1996.

CARDINALETTI, A; STARKE, M. The Typology of Structural Deficiency: A Case Study of the three classes of pronouns. In: van Riemsdijk (ed.). *Clitics in the language of Europe*. Berlin: Mouton et Gruyter., 1999.

CARVALHO, D. S. *A estrutura interna dos pronomes pessoais em português brasileiro*. Tese de Doutorado, UFAL. Maceió, 2008.

CHOMSKY, Noam. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

_____. *Knowledge of language: its nature, origin, and use*. New York: Praeger, 1986.

_____. *Minimalist Inquires: the Framework*. MITWPL 15. Cambridge, Mass, 1998.

_____. *Derivation by Phase*. MIT Occasional Papers in Linguistics. 18. Cambridge, MA, 1999.

_____. *O programa minimalista*. Trad. Introd. e Notas Eduardo Paiva Raposo. Lisboa: Caminho, 1999.

_____. *The minimalist program*. Cambridge: London, 1995.

_____. *On Phases*. MIT.2005. Ms.

CORRÊA, L. T. *A forma clítica de pronome pessoal no dialeto mineiro: uma variante sociolinguística*. Dissertação de mestrado, UFMG. Belo Horizonte, 1998.

COURNANE, A. *The Grammaticalization of Subject Clitics in Quebec French: An Analysis of Reanalysis*. University of Toronto. 2008. Ms.

CRAENENBROECK, J; KOPPEN, M. *Pronominal Doubling in Dutch Dialects: Big DPs and Coordinations*, in Jeff Runner (ed.) *Microvariation in Syntactic Doubling (Syntax and Semantics, Volume 36)*, Emerald Group Publishing Limited, pp.207-249. 2008. Disponível em: http://users.telenet.be/zorex/doubling_paper_edisyn.pdf.

CYRINO, S. M. L. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: Roberts, I. & KATO, M. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, Editora da Unicamp, pp. 163-184, 1994.

_____. *O objeto direto nulo no Português Brasileiro*. Signum: Estudos da Linguagem, Vol. 1, Nº 1. 1998.

_____. *O objeto nulo no português do Brasil e no português de Portugal*. Boletim da ABRALIN 25: 173-181. 2001.

_____. Algumas questões sobre a elipse de VP e objeto nulo em PB e PE .In Guedes, M; Berlinck, R. de A.; Murakawa, C. de A.A. (orgs.) *Teoria e análise linguísticas: novas trilhas*. Araraquara: Laboratório Editorial FCL/UNESP,SP, Cultura Acadêmica, p. 53-79. 2006.

D’ALESSANDRO, R. *Syntactic and Pragmatic features: a case study*. Leitura. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (UFAL). Maceió: Edufal, v.33, n.º--, pp. 185-202. 2006.

DINIZ, C. *Eu te amo você – O redobro de pronomes clíticos sob um abordagem minimalista*. Dissertação de mestrado. UFMG: Belo Horizonte, 2007.

DUARTE, F. B. *Distribuição de pronomes fortes, fracos e afixos de línguas de sujeito nulo*. Revista do GEL (Araraquara), v. 1, p. 31-56, 2008.

DUARTE, M. E. L. *Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*. Dissertação de mestrado, PUC, São Paulo, 1986.

_____. (1993) *Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil*. In: Roberts, I. & M. A. Kato (orgs.): 107-128.

_____. (1995) *A Perda do Princípio "Evite Pronome" no Português Brasileiro*. Tese de Doutorado. UNICAMP.

FUß, Eric. *The Rise of Agreement: A formal approach to the syntax and grammaticalization of verbal inflection*. Amsterdã / Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2005.

GALVES, Charlotte & ABAURRE, M. Bernadete M. Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In: CASTILHO, Ataliba T. de; BASÍLIO, Margarida (orgs.). *Gramática do português falado*. Vol IV. Campinas: Ed. Unicamp, 1996.

GALVES, C.C. A sintaxe pronominal do português brasileiro e a tipologia dos pronomes. In: *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Ed. UNICAMP. 2001. cap.8.

GIVÓN, T. Topic, Pronoun and Grammatical Agreement. In: CHARLES, L (ed.). *Subject and Topic*. New York: Academic Press, 1976. pp. 88-149.

GONÇALVES, R. S. O uso de pronomes de caso reto como complementos verbais: *uma visão sócio-variacionista*. Dissertação de mestrado, UFJF. Juiz de Fora, 2003.

GRIMSHAW, J. *Extended projection*. Ms., Brandeis University, Waltham, Mass, 1991.

JAEGGLI, O. Tres cuestiones en el estudio de los clíticos: el caso, los sintagmas nominales reduplicados y las extracciones. 1986. In: FERNÁNDEZ SORIANO, O. (Org.). *Los pronombres átonos*. Madri: Tauros Ediciones, 1993. p.141-172.

KATO, M.A. Recontando a história das relativas. In: I.Roberts & M.A.Kato (orgs). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: editora da UNICAMP, 1993.

_____. *Strong pronouns and weak pronominals in the null subject parameter*. Probus (Dordrecht), Berlin, v. 11, n. 1, p. 1-37, 1999.

_____. *Caso inerente, Caso "default" e ausência de preposições*. Unicamp, 2010. Ms.

KROCH, A. Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change. *Language Variation and Change*. 1989, 1, pp.199-244.

KROCH, A; Taylor, A. Remarks on the XV/VX alternation to early Middle English. Ms. University of Pennsylvania, 1994.

_____. Verb movement in Old and Middle English: Dialect variation and language contact. In Kemenade; Vincent (eds), *Parameters of morphosyntactic change*, 297-325, Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

LOPES, R.V. *O que a aquisição inicial da sintaxe revela sobre parametrização? O caso dos objetos e estruturas afins*. Revista eletrônica Letras de Hoje. PUC-RS. Vol.42, nº1, pp 77-96. 2007.

MACHADO, R. *Questões de gramática latina*. Lisboa: Clássica, 1940.

MACHADO ROCHA, R. *A redução do número de casos em latim: uma comparação entre os séculos I e IV. Relatório final de Iniciação Científica*. 2006. Ms.

_____. “Chama eu”, “leva eu”, “beija eu” – Morfossintaxe de Caso e Variação dos pronomes de 1ª pessoa do PB. Apresentação no 58º Seminário do GEL. 2010. Ms.

_____. *Morfossintaxe de Caso nos pronomes pessoais do PB/MG atual*. Dissertação de Mestrado, UFMG. Belo Horizonte, 2010.

MAGALHÃES, T. M. V. *O Sistema Pronominal Sujeito e Objeto na Aquisição do Português Europeu e do Português Brasileiro*. Unicamp: Campinas, 2006. Tese de doutoramento.

MARANTZ, A. P. *On the Nature of Grammatical Relations*. Cambridge (MA): MIT Press, 1984.

_____. Case and licensing. In: Germán Westphal, Benjamin Ao, and Hee-Rahk Chae. (eds.) Eastern States Conference on Linguistics pp. 234-253. University of Maryland, Baltimore: Ohio State University. 1991.

MARTINS, Marco Antonio. *Variação e mudança na sintaxe como competição de gramáticas*. Investigações (UFPE), v. 22, p. 65-87, 2009.

MENDONÇA, V. de A. *O objeto direto anafórico na fala matagrandense e paulistana: um estudo comparativo*. Dissertação de Mestrado. Maceió, UFAL, 2004.

PENNA, H. M. M. M. *O emprego do pronome tônico e terceira pessoa em função acusativa no português: mudança ou retenção?*. Dissertação de mestrado, UFMG. Belo Horizonte, 1998.

RAMOS, J. *Marcação de caso e mudança sintática no Português do Brasil*. Tese de doutorado. UNICAMP: Campinas, 1992.

_____. *A forma de tratamento “Senhor” no Português Brasileiro: um pronome?*. Trabalho apresentado no I Congresso Internacional de Linguística Histórica, UFBA, Salvador, 2009.

_____. Projeto Mineirês – A construção de um dialeto. (Versão eletrônica)
Disponível em: <http://www.lettas.ufmg.br/mineires/>. Acesso em: 30/10/2011.

RAPOSO, E.P. *Some Observations on the Pronominal System of Portuguese*. Catalan Working Papers in Linguistics. vol. 6. Universitat Autònoma de Barcelona, Bellaterra, pp. 59-93.1998.

ROBERTS, I; KATO, M. (orgs.). *Português brasileiro – Uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

ROBERTS, I; ROUSSEAU. A. *Syntactic Change: A Minimalist Approach to Grammaticalization*. Cambridge, 2003.

SÁNCHEZ, Liliana. *Clitic doubling and the checking of focus*. New Brunswick, NJ: Rutgers University, 2005. Ms. [Disponível em: <http://www.rci.rutgers.edu/~lsanchez/research.html>

SIEWIERSKA, A. *From anaphoric pronoun to grammatical agreement marker: why objects don't make it*. *Folia Linguistica*, 33/2 : 225-251, 1999.

SUÑER, M. El papel de la concordancia en las construcciones de reduplicación de clíticos. 1988. In: FERNÁNDEZ SORIANO, Olga. (Org.). *Los pronombres átonos*. Madrid: Tauros Ediciones, 1993. p.174-184.

VITRAL, L. A forma Cê e a noção de gramaticalização. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, v.1, n.4, p.115-124, jan./jun.1996.

_____. *A interpolação de se e suas consequências para a teoria da cliticização*. *Revista da ABRALIN*, vol. 1, nº 2, p. 161-197. 2002.